



GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergip) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versem sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

Ritos fúnebres e sociabilidade entre mortos e vivos no sertão pernambucano

Autoria: Roberto Barreto Marques e Silva Júnior

Morte renegada. Morte interdita. Morte esquecida. Distanciamento da morte. Negação da morte. Tabu da morte. Estas são algumas expressões que apresentam a morte na contemporaneidade como um fenômeno relegado ao interdito, ao impronunciável, ao que não deve fazer parte da rotina cotidiana. Ariès (2000a; 2000b; 2003), Morin (1997), Thomas (1993) e Gorer (1965) são alguns nomes que influenciaram toda uma geração de estudos da morte, sejam eles no campo da historiografia ou da antropologia da morte. Eles cunharam, desenvolveram e difundiram alguns dos termos mencionados, expondo que a morte na contemporaneidade é completamente diferente da verificada em outras épocas da história do ocidente, onde ela estava intimamente ligada à vida cotidiana. Atualmente, para estes e tantos outros autores, as pessoas temem a morte ao ponto de abominarem a simples menção à ela. A transferência dos mortos das igrejas para os cemitérios, a criação de leis sanitárias mais rígidas, a edificação de necrópoles muradas e afastadas das cidades, os ritos fúnebres cada vez mais transferidos para o âmbito privado e das funerárias e seus planos mortuários; a vida cotidiana atribulada devido à rotina focada no work, que consome o indivíduo contemporâneo; o individualismo; o velho e o moribundo transferidos para asilos e hospitais; o prolongamento da vida por meio dos avanços da tecnologia médica; a possibilidade de clonagem humana e as ideias de perenidade alimentadas pela ficção e criogenia são elencadas por autores como Ariès (op.cit), Gorer (op.cit) e Baudrillard (2011) para explicar este distanciamento entre mortos e vivos e a repulsa à morte. Mas como pensar com estes autores quando tais inferências não são visualizadas em um município inteiro, seja em sua área rural ou urbana? Trata-se de Floresta, cidade a 433 quilômetros da capital pernambucana, de população diminuta e extensão territorial expressiva, localizada no sertão, na mesorregião do São Francisco, onde a morte faz parte do cotidiano dos vivos e está devidamente imbricada nas falas e eventos da cidade. Neste cenário o campo parece contradizer a teoria dominante, sendo a intenção desta pesquisa inicial levantar questões sobre este campo ainda mais diante de um pleno desenvolvimento da antropologia da morte.





Realização:



Apoio:



Organização:

